BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de ...ontes e Lacerda - MT
R.I Nº 10274
Data 16 / 07 / 04
doação

Ex. 1

Universidade do Estado de Mato Grosso UNEMAT

CÉLIA REGINA DE SOUZA CAPRETZ

A LÍNGUA NO FOCO ACADÊMICO

Pontes e Lacerda
2003

Célia Regina de Souza Capretz

A LÍNGUA NO FOCO ACADÊMICO

Ensaio Monográfico de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Letras.

Orientadora: Cleunice Maria de Andrade

Pontes e Lacerda
2003

Turma- 2003/2

Este ensaio monográfico foi apresentado e defendido perante a seguinte banca examinadora:

_____

_____

_____

Local e data da aprovação

_____

AGRADECIMENTOS

A Deus – Por iluminar meu caminho. Sei que desde o princípio Ele me guiou para este curso e hoje com Ele, finalizo mais um degrau de meus estudos;

Aos meus pais, em especial à minha mãe, pelos ensinamentos anteriores à escola.

Ao meu marido Elizeu - pela força e compreensão que dedicou durante todo meu percurso no curso;

Aos meus professores – que contribuíram para meu aprendizado, em especial à professora Cleunice, que esteve comigo no primeiro dia de minha aula e no último, e que diretamente orientou-me neste trabalho e também marcou minha forma de ser. Sincera e objetiva no que fala, ensinou-me o quanto é importante amarmos o que fazemos;

Aos meus colegas da sala – pelo apoio e incentivo, em especial minha amiga Divina que se mostrou dedicada e prestativa para comigo;

Às minhas amigas Sonilda Cândida e Gislaine Cuba, as quais não concluíram o curso juntas comigo, mas estarão sempre em meu coração;

Aos professores e alunos do curso de Letras, dos primeiro e oitavo semestres, pela colaboração espontânea na pesquisa;

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para o meu crescimento intelectual, o meu eterno obrigada.

Célia Regina

Aos meus filhos

Junior e Alessandro,

pessoas que me motivaram

a concluir o curso universitário.

Quero deixar como herança para vocês

o meu esforço e dedicação para com os estudos.

A variação é constitutiva da línguas humanas (...).Ela sempre existiu e sempre existirá, independente de qualquer ação normativa.

(Bagno,2001)

SUMÁRIO

RESUMO	6
INTRODUÇÃO	7
CONCEPÇÕES: LÍNGUA PADRÃO VERSUS COLOQUIAL	8
A LÍNGUA NO FOCO ACADÊMICO	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
BIBLIOGRAFIA	27
ANEXOS	28

RESUMO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada sobre a língua, com acadêmicos e professores do curso de Letras no Campus Universitário de Pontes e Lacerda – MT. Inicialmente abordamos algumas considerações sobre o nosso objeto de estudo, à luz de teóricos lingüistas.

Vale ressaltar que discutimos o assunto, em questão, embasados em teóricos que procuraram investigar a língua em seu funcionamento. Em especial, enfocamos o nosso objeto de estudo na língua padrão e coloquial.

Elaboramos um questionário com perguntas direcionadas a cada segmento entrevistado, a fim de averiguar a relevância que dão às modalidades lingüísticas. O resultado da análise mostra o posicionamento de cada entrevistado sobre a língua.

Nas considerações finais colocamos nossa sugestão para tentar amenizar o impasse entre língua padrão e coloquial.

INTRODUÇÃO

A língua culta tem sido um mecanismo de poder e dominação a todos que se concentram em virtudes sociais, acabando por dividir as camadas de nossa sociedade.

A questão sobre o ensino da língua padrão no universo escolar vem sendo constantemente discutida por pesquisadores que dedicam a maior parte de seu tempo em estudos sobre a língua escrita, deixando de lado a oralidade dessa.

Na Gramática Normativa existe uma circularidade de regras que divergem muitos conceitos, ora positivos ora negativos, o que acarreta na capacidade ou incapacidade do sujeito que recebe a língua como forma de aquisição do conhecimento.

Deste modo, como futuros professores da língua, procuramos mantê-la como nosso objeto de pesquisa. Para isso entrevistamos acadêmicos do primeiro e oitavo semestres e professores do curso de Letras, do Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT.

Nossa intenção é verificar se realmente os discentes que são preparados para ensinar a língua padrão a todos que sujeitam-se à mesma, saem dominando-a por completo. E também verificar o posicionamento de acadêmicos e professores em relação à linguagem coloquial.

Embasamo-nos nas teorias de estudiosos da língua dentre os quais destacamos: Ferdinand de Saussure in Carvalho, Marcos Bagno, Sírio Possenti e Milton José Almeida in Geraldi. Os três últimos estudam a linguagem e seu funcionamento no ensino escolar, investigando toda uma problematização que acarreta numa série de conflitos entre os falantes da língua.

Salientamos que em nenhum momento tivemos a intenção de privilegiar um ou outro tipo de linguagem. Cremos que as informações contidas nesse texto subsidiarão o leitor interessado neste assunto.

CONCEPÇÕES: LÍNGUA PADRÃO VERSUS COLOQUIAL

Os estudos da linguagem estiveram por muito tempo presos aos aspectos de sua evolução histórica, ora em conflito, ora em comunhão, sob este aspecto a mesma tornou-se preocupação dos estudiosos lingüistas, que abordam diferentes concepções de língua as quais, de algum modo, estão escritas numa posição filosófica.

A título de exemplificação, veremos a concepção de língua, no sentido do corpus em análise, encontrada nos dicionários de Língua Portuguesa *conjunto de palavras e modo de falar de um povo.* (ROCHA, p.376), e ainda: *sistema de representação constituído por palavras e por regras que as combinam em frases que os indivíduos de uma comunidade lingüística usam como meio de comunicação e de expressão falado ou escrito.*(HOUAISS, p.275)

Encontramos também na Língüística Moderna, que firmou-se como ciência autônoma no final do século XIX e início do XX, a concepção de língua, *ciência da linguagem que interessa-se exclusivamente pelas línguas ditas "naturais", faladas na terra.*

Para Saussure a língua existe na coletividade definindo-se como um conjunto de signos, ou seja, uma relação no cérebro dos falantes entre significado e significante n*um sistema de signos não originária dos falantes, mas um produto que o sujeito internaliza passivamente.* (CARVALHO,1991)

Mediante a essa última concepção, a língua natural possui características imensuráveis, tais como entonação e tom, por isso é impossível compará-la com diversos tipos de comunicação.

Para Ferdinand Saussure in CARVALHO (1991), a língua é uma ramificação da linguagem e está em constante evolução. É considerada como um instrumento ou ferramenta de comunicação de um conjunto heteróclito e heterogêneo de sistemas sígnicos. Como exemplo da comunicação temos as danças, as músicas, as cores, os sons, os gestos, os costumes, as vestes, e principalmente a língua falada ou escrita.

Ainda para o referido autor, a linguagem é um processo de comunicação, no qual existe a mensagem dos dois falantes sendo um emissor e o outro receptor.

Sob uma perspectiva lingüística encontramos as linguagens coloquial e padrão, as quais serão o nosso objeto de pesquisa e estudo.

Embasadas na teoria de Marcos Bagno(2001) constatamos que a língua padrão possui uma série de sinônimos entrelaçados no decorrer de toda sua história, como: "padrão formal","texto formal", "linguagem formal", "uso culto", "padrão culto", "língua culta", "norma culta", etc...".

Conhecemos como norma culta a que o autor avalia como: *(...) conjunto de usos lingüísticos dos falantes cultos de um país, de uma região ou de uma cidade. Mais precisamente descrita nos dicionários e gramáticas como norma gramatical ou norma prescritiva* .(BAGNO 2001:39).

Para Bagno a norma padrão perde o seu valor de língua, por ser criada pelos gramáticos que a inseriram nos currículos de todo o país com um único objetivo - transformar a língua em um conjunto de regras para garantir sua qualidade, (...) *não é uma língua mas um modelo de língua.* (BAGNO, p.39). A história mostra-nos que as Gramáticas Normativas foram escritas com precisão para descrever suas regras e impor seus padrões aos grandes escritores que serviam de exemplo aos leitores, ou seja, transformaram-se em instrumento ideológico de poder e controle.

Segundo o referido autor, diante desse fato, criou-se um enorme problema entre os falantes de nosso idioma, o que é denominado preconceito lingüístico. Esse é fortemente marcado dentro do próprio âmbito escolar, uma vez que os educadores sentem-se impotentes diante dos alunos, por acreditarem que os pequenos falam de certa forma "errado". Isso resulta na falta de estímulo tanto por parte dos alunos como dos professores. Deste modo, torna-se um problema social, pois esse fato, contribui para o aumento do analfabetismo no Brasil. O trecho a seguir reforça a nossa afirmação:

> *-Exato- confirma Irene.- No momento em que uma variedade de língua é escolhida para ser a variedade padrão, ela ganha tanta importância e tanto prestígio social que todas as demais variedades são consideradas "impróprias", "inadequadas" "feias", "erradas", "deficientes", "pobres"(...) .*
> *-Alguns estudiosos têm revelado uma triste realidade no nosso sistema educacional..., refletindo conseqüentemente uma"inferioridade" mental. Isso cria, no espírito do aluno pobre, um sentimento de rejeição muito grande, levando-o a considerar-se incapaz de aprender qualquer coisa. Por outro lado, cria no professor a sensação de estar tentando ensinar alguma coisa a alguém que nunca terá condições de aprender (...) .*

-Vai ver que é por isso que tantas crianças pobres acabam abandonando a escola (...)." (BAGNO,1997:26-7)

Para Bagno (2001), convém ressaltar que existe uma diferença entre "norma culta" feita pelos pesquisadores e "norma padrão" criada pelos tradiconalistas, observa-se esta diferença pela imposição que a norma padrão exige nos ensinos escolares, enquanto que a "norma culta" diferencia-se por servir de fonte de estudos e pesquisas no ensino de nossa língua. Ele ainda caracteriza a norma culta "variedades lingüísticas", por apresentar uma grande diversidade de falares, no meio lingüístico.

Embora o referido autor não concorde com os desígnios da língua padrão, ele mostra aos seus leitores um ponto positivo dentro dela, em relação à língua falada e à língua escrita. A última traz consigo toda uma bagagem histórica, motivo pelo qual faz de nossa língua um conjunto de bens, (...) *a língua escrita conserva todo um patrimônio científico, cultural, intelectual de um povo transmitindo de uma geração para outra.(BAGNO 2001:24).*

Durante muito tempo a Gramática Tradicionalista (GT) imperava nos estudos humanos da língua, ela permaneceu e permanece viva e forte, porque ao longo da história deixou de ser apenas uma tentativa de explicação filosófica para os fenômenos da linguagem humana. Como já dissemos a mesma transformou-se num instrumento de dominação.

Entretanto devido aos esforços dos lingüistas seguidores de Ferdinad de Saussure, hoje a Lingüística é capaz de revolucionar os estudos da língua, o que enfatiza importância a língua falada, que até então a GT não concebia.

Com o avanço dos estudos da língua, podemos observar a concepção de língua coloquial ou língua falada.

(...) A língua falada é que é verdadeiramente língua natural, a língua que cada pessoa aprende com sua mãe, seu pai, seus irmãos, sua tribo, seus grupos sociais etc. Ela é que é a língua viva, em constante ebulição, em constante transformação. (BAGNO,2001:24)

A língua coloquial ao mesmo tempo que nos é íntima, traz consigo todo um patrimônio de variedades lingüísticas, pois é, pronunciada pelas pessoas de qualquer classe social, principalmente pelas classes menos favorecidas.

Ao chegarmos na escola trazemos conosco a língua materna que inclui regionalismo, identidade e características próprias de cada falante. Para Bagno, a mesma deveria ter mais importância por ser falada há pelo menos um milhão de anos, enquanto que a escrita surgiu a poucos séculos atrás.

Considerar o fato pelo qual a língua coloquial aborda falas erradas pode ser um mito criado pelo ser humano, quando o mesmo desconsidera suas regras gramaticais próprias. Segundo o autor não existe fala errada, mas diferentes formas de expressar a língua materna, as quais estão fora das Gramáticas Normativas.

O autor acredita ainda que, se existisse estudos específicos para essas variedades encontraríamos perfeitamente a lógica em determinados conceitos que poderiam servir de grande valia para nossos conhecimentos. *Outra coisa importantíssima é saber que os supostos "erros" são sempre sistemáticos*(...). (BAGNO,2001:27)

Na concepção defendida por Bagno, para tratarmos de todos os fatores da língua é preciso levar em conta todas as variedades que existem e dentre elas é fundamental considerar a fala coloquial considerada pelos Gramáticos de português não padrão "P.N.P."

Sírio Possenti (1999) também concorda com o pressuposto teórico defendido por Marcos Bagno. Para Possenti a língua não é tratada pela Gramática, somente como uma manifestação oral ou escrita de qualquer ser humano, mas como um artigo definido com ideal de pureza e virtude falada e escrita pelos "puros" e "virtuosos" que possuem um nivel altamente social, que por isso merecem exercer seu domínio sobre as demais camadas da população.

(...). Dado que a chamada língua padrão é de fato o dialeto dos grupos sociais mais favorecidos, tornar seu ensino obrigatório para os grupos sociais menos favorecidos, como se fosse o único dialeto válido, seria uma violência cultural.(...). (POSSENTI,p.18).

Este conceito está explicito nas Gramáticas Normativas que buscam a ideologia do *bem falar e escrever corretamente*, apresentando um conjunto de regras coerentes, que conseqüentemente acentuará na variedade padrão. O autor não concorda com essa variedade, isso porque ela ocupa o lugar da própria língua. Sírio

também aborda o conceito da Gramática Descritiva, que ao contrário da Normativa, qualifica todas as formas de expressões que são aceitas pela mudança da língua falada ou escrita. Essas transformações servem como fonte de pesquisas para encontrar as regras que estabelecem as variações que são influenciadas por fatores externos. Nas palavras de Possenti: (...). *Os principais são os fatores geográficos, de classe, de idade, de sexo, de etnia ,de profissão etc(...).Também há fatores internos à língua que condicionam a variação. Ou seja, a variação é de alguma forma regrada por uma gramática interior da língua.* (POSSENTI,1999:34-5).

O autor aponta diversos problemas dentro da Gramática Normativa, a qual preocupa-se de tal modo com a pureza da língua, que insere regras e conceitos que desprezam as palavras que estão fora dos dicionários, classificando-as como inexistentes, erros ou mesmo vícios de linguagem. Isso interfere de tal modo no ensino da própria língua que a escola cria vários engodos e dentre eles, o preconceito lingüístico.

Esse preconceito surge muito claramente quando se trata da língua de minorias ou marginalizados sociais, especialmente quando encontramos pessoas diferentes, e as ouvimos "falar diferente" e consideramos como erros.

Possenti explica que na maioria das vezes essas pessoas falam perfeitamente iguais a nós, o que as distinguem são as características dialetais.

Sírio deixa claro que não há nenhuma restrição em se aprender a língua padrão na escola, mas adverte que é fundamental criar condições para que essa língua possa ser bem ensinada, para ele, o ensino da língua na escola é a única disciplina em que existe uma disputa entre duas perspectivas lingüísticas, ou seja, a doutrina gramatical e a lingüística moderna.

Os termos e conceitos da gramática tradicional estabelecidos há mais de 2300 anos continuam a ser repassados praticamente intactos de uma geração a outra, é como se o ensino desde a época passada não tivesse evoluído em nada.

(...).Nos momentos em que a escola toma a língua como assunto sobre o qual se fala, a reflexão sobre os valores sociais e situacionais das variantes lingüísticas deveria, aliás, receber preferência sobre a análise da estrutura. (POSSENTI,1999:85).

O autor explica que o aprendizado de uma língua é um processo relativamente complexo e ao mesmo tempo natural. Na opinião do referido autor a escola deve trabalhar o processo da escrita, sem contudo menosprezar as características da oralidade.

A LÍNGUA NO FOCO ACADÊMICO

Com base na teoria de Saussure a língua é concebida como um sistema de signos que estabelece entre si relações fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas. A partir dessa concepção, uma das professoras entrevistadas afirma que, *esta noção é apenas uma parte entre muitas outras, pois a língua pode ser entendida a partir da relação que estabelece com a sociedade.*

No que se refere à língua padrão e coloquial, a professora explica que sobre esta questão, *é necessário recorrer à Sociolingüística, que expõe um quadro de considerações sobre língua padrão e coloquial.*

No primeiro caso, *aparece a legitimação de uma dada variedade lingüística por fatores histórico-sociais. A língua coloquial por seu termo, representa a utilização de uma variedade lingüística em um contexto informal.* A docente argumenta que existem inúmeros aspectos a serem considerados.

Questionamos a mesma, em relação aos acadêmicos de Letras. A nossa pergunta pretendia verificar o posicionamento da docente a respeito do domínio da língua padrão, por parte dos discentes, ao saírem da Instituição.

A professora respondeu categoricamente que não. Para ela, o "domínio" da língua padrão é um processo. E como tal, ocorre numa relação como toda e qualquer forma de conhecimento. *Jamais alguém "dominará" a língua padrão por completo.* Portanto o acadêmico de Letras não sairá do curso com esse "domínio".

Pedimos para a professora nos responder se acredita que exista embate entre teorias lingüísticas e gramaticais no Campus de Pontes e Lacerda, sua resposta foi negativa. Justificando que os docentes dessa área, discutem continuamente o papel de ambas teorias.

Segundo outra professora *a língua é o conjunto de expressões ou palavras usadas por um povo ou comunidade. Portanto, saber a Gramática Normativa não é saber língua, mais sim algumas regras da língua portuguesa.*

Percebemos que a segunda professora relatou somente sobre a língua padrão que se insere nos currículos escolares e nas universidades. A mesma fez questão de mencionar que a língua falada no Brasil não é a do povo brasileiro, mas sim uma

língua copiada da Europa, com regras e normas que não estão em consonância com nossa realidade.

Em relação ao domínio da língua padrão dos acadêmicos que concluem o curso de Letras, a referida professora também acredita que os mesmos não saem dominando a língua padrão. A docente atribui esse fato ao espaço de tempo em que os acadêmicos ficam na academia, geralmente quatro anos. Tempo considerado pela professora como mínimo, para quem deseja falar corretamente a língua padrão.

Ainda segundo a entrevistada o máximo que *os discentes poderão aprender são algumas regras gramaticais da língua escrita, porém, falar a língua padrão é outro caso.*

Fundamentados nas teorias aqui expostas, podemos relacionar o comentário da última professora entrevistada, sobre o domínio da língua padrão, em relação aos alunos do curso, com a teoria de Sírio Possenti que concorda sobre este aspecto, *É evidentemente difícil fixar os limites mínimos satisfatórios que os alunos deveriam poder atingir.* (POSSENTI,1999:19).

Segundo o autor, dentro dos estabelecimentos de ensino, acredita-se que é possível que o aluno domine a língua padrão. O parâmetro utilizado pela escola para medir tal domínio é com base exclusivamente na escrita e leitura. Mesmo que imaginássemos uma dedicação completa por parte do professor para com o aluno, praticando diversas produções de textos, lendo produtivamente com destaque nas Literaturas, abrangendo todo o objetivo dos parâmetros curriculares, seria possível o aluno alcançar um bom resultado na perspectiva da língua padrão?

Possenti relata que infelizmente isso não acontece, tanto por parte do ensino nas escolas, como também por parte dos alunos, explicando que são poucos os estudantes que dedicam-se com maturidade e freqüência aos estudos, e o máximo de resultado que atingem, é a conclusão do Ensino Médio.

Sobre o embate das teorias lingüísticas e gramaticais a professora acredita que este fato ocorre tanto no Brasil como em Portugal. Para ela isso não é algo relacionado somente ao Campus de Pontes e Lacerda.

No ponto de vista da professora, isto ocorre porque os gramáticos não querem reconhecer a evolução da língua. Ao seu ver, para resolver este dilema seria

necessário criar a norma culta brasileira e esquecer a que se aplica. Denominada como Gramática Normativa (G.T.).

A professora ainda deixa claro que não é contra o ensino de gramática, mas sim contra a forma de ensino aplicada.

Observamos na entrevista da professora, que ao mencionar sobre as teorias lingüísticas e gramaticais ela relata que *para resolver este dilema seria necessário criar a norma culta brasileira e esquecer a atual (G.T.).*

A partir das teorias expostas, podemos relacionar o comentário da docente com as palavras de Marcos Bagno que afirma, *nem por isso vamos descartar totalmente e para sempre a Gramática Tradicional* (BAGNO,2001:22).

Como mencionamos a GT, traz consigo o peso de uma durabilidade intelectual passada por diversas gerações. A mesma é associada ainda a toda uma herança histórica, que formou-se devido aos esforços de estudiosos que procuravam investigar a linguagem humana e o seu funcionamento.

Devido aos motivos expostos e mesmo com tantas críticas negativas segundo Bagno a GT não deve ser descartada. Para o autor seria necessário exigir uma nova elaboração gramatical, isto é, um repensar sobre as normas impostas pela gramática normativa.

Ainda de acordo com a concepção do referido autor, as atuais regras gramaticais estão contaminadas por características do Português de Portugal. Assim uma nova gramática atualizada de acordo com a língua falada no Brasil, faria jus a nossa língua.

Bagno argumenta que o fundamental para a formação de bons professores, seria ter em mente a sabedoria para trabalhar com a Gramática Tradicional. Para ele, a mesma não deve ser o único e verdadeiro objeto de estudo da língua, como seguem os tradicionalistas.

Percebe-se que na escola o ensino da língua diferencia-se das demais disciplinas, isso por existir uma disputa entre duas perspectivas distintas: a Gramática Tradicional (calcada em regras) e a Gramática Atual (norteada pelas normas lingüísticas do português brasileiro). Na visão de BAGNO *(...) essa tem sido, a atitude tradicional, anticientífica, e às vezes até irracional, dos que se apegam com*

unhas e dentes à GT, como se ela fosse a única tábua de salvação possível no meio do aparente "caos" da língua de todos os dias. (BAGNO,2001:23).

De acordo com a teoria de Sírio Possenti em relação a esse assunto, o mesmo comenta *não vale a pena recolocar em discussão pró ou contra a gramática, mas é preciso distinguir seu papel do papel da escola – que é ensinar língua padrão, isto é , criar condições para seu uso efetivo.*(POSSENTI,1999:54)

Segundo Possenti em muitos lugares do mundo os estudos da língua não ensinam com gramáticas codificadas, entretanto, os alunos aprendem perfeitamente sem termos técnicos. A sugestão dele é criar condições para o bom uso da língua sem que haja a interferência de um metalinguagem técnica.

A partir desse pressuposto, como futuros professores é fundamental que tenhamos em mente a necessidade de orientar nossos alunos sobre a importância da língua padrão que torna-se desejável e necessária para que exista um meio de expressão comum a todas as pessoas cultas de um país. De forma alguma não devemos desmerecer a língua materna, que deve ser entendida como uma outra variedade, que a pessoa poderá usar para enriquecer sua bagagem lingüística.

Procuramos saber também, a concepção de quatro acadêmicos iniciantes no curso em relação ao nosso objeto de estudo - a "língua", mais precisamente sobre língua coloquial e padrão.

O primeiro respondeu-nos que a língua padrão é falada corretamente pelas pessoas de um nível de instrução melhor, e a língua coloquial é a língua falada em nosso cotidiano.

Perguntamos ao primeiro acadêmico se ele considera-se ser um falante da língua coloquial ou padrão? O mesmo respondeu-nos que sua fala é coloquial, justificando que não fala a língua padrão, *pelo fato de não se utilizar de todas as regras que existem na nossa língua portuguesa.*

Questionamos ao estudante se ele acredita que existem pessoas que falam errado e por que isso acontece? Para ele a nossa fala é influenciada por fatores externos como região e ambiente. Isso caracteriza que em relação ao questionamento o mesmo não acredita que as pessoas falam errado.

A última pergunta que foi feita para os alunos foi sobre os benefícios que a língua padrão oferece aos falantes que a utilizam. Na concepção do referido discente, os falantes que utilizam a língua padrão têm a chance de conseguir um bom emprego, uma vez que o mercado de trabalho encontra-se muito disputado.

A segunda aluna respondeu-nos que a língua padrão é a forma lingüística mais próxima da norma culta da linguagem, porém passível de variações. Em relação à língua coloquial, ela considera *que são tipos, ou seja, gêneros lingüísticos, de um determinado grupo social, de um modo geral usado no cotidiano.*

Em referência às palavras da discente, quando se refere sobre a proximidade da língua padrão em relação à norma culta, Marcos Bagno trata esse assunto mostrando que a idéia é ao contrário, *É por isso que existe uma distância enorme entre norma culta, isto é, entre a língua real, empregada de fato pelo falantes cultos, e a norma padrão, o modelo de língua ideal que os gramáticos tradicionalistas tentam impor."* (BAGNO,2001:41-2)

Segundo o autor é impossível estar lado a lado com a concepção criada pelos tradicionalistas que referem-se à *norma* como um modelo de linguagem literária a ser seguido por todos os usuários. Isso porque seria como se ela estivesse sempre em primeiro plano antes mesmo da própria fala.

Bagno explica que esse ponto de vista faz gerar muitos problemas. Ao invés da língua tornar-se um instrumento de união e entendimento para todo os falantes, ela se transforma numa ferramenta complexa, repleta de poder e preconceito que distancia as pessoas de um determinado nível social e serve de disfarce sobretudo contra os mais pobres, pois é impossível todos o falantes de um país, de todas as regiões ou cidades, limitarem-se ao mesmo uso. Bagno prefere referir-se à concepção dos tradicionalistas como *norma padrão*.

Para ele a norma culta vai muito mais além do que qualquer literatura, regras e conceitos pré-determinados, porque antes mesmo de estudá-la os falantes cultos estão em primeiro plano, eles é quem constituem por via regra, a norma culta.

A acadêmica afirma que a língua padrão também pode ser passível de variações, isso devido aos seus fatores internos e externos como mencionamos. E

como qualquer outra ciência assemelha-se com às demais podendo ser fonte de pesquisas, descrita e examinada em detalhes totalmente fora de um contexto literário.

Para isso Bagno propõe que os professores façam uma reflexão sobre a diferença entre a *norma-padrão* e *norma-culta*, o que ele denomina como "*esquizofrenia lingüística*" ou "*dupla personalidade*". O autor afirma ainda que é preciso fazer reconhecer o português brasileiro como língua legítima para o ensino, e também para a produção literária.

Ele acrescenta que os educadores precisam parar de ensinar a norma padrão antiquada, e voltar para o conhecimento da realidade lingüística brasileira. Parar de acusar nossa língua de ser cheia de "erros", e tentar conhecer sua gramática, descrever suas regras e tentar explicar os fenômenos que a caracterizam.

Em relação a sua fala a acadêmica explica que devido à sua posição de boa leitora, *acaba por transitar entre os dois gêneros, mas que prefere o coloquial*. Para a aluna, tanto ela como outras pessoas, falam *errado*, devido à complexidade da Língua Portuguesa e à falta de hábito da leitura.

Sobre esse aspecto Sírio argumenta que, alunos ou outros cidadãos pouco cultos é que *falam tudo errado. Ela tem sido empregada tanto em relação a alunos quanto em relação a pessoas de certas classes sociais, ou de outras regiões do país.* (POSSENTI,1999:42).

Para Possenti esta concepção está na cabeça da maioria da população, e resulta numa séria problemática, o que acarreta no chamado preconceito lingüístico, tudo por causa da confusão que se faz entre língua e gramática normativa. Segundo o mencionado autor, essa última não é uma língua, mas uma descrição parcial dela. Nessa perspectiva, as variedades da "fala", acabam por ficar de fora.

O autor explica ainda que, deveríamos antes mesmo de julgar, avaliar todo um contexto geográfico e cultural, repleto de lugares e falares, que individualizam e identificam as pessoas. O que acontece na opinião dele é que por apresentar tantas variedades acabamos por interpretá-las como diferentes, ou mesmo, como "erros".

Segundo o referido autor, os falares que entendemos como "erros" são perfeitamente corretos, mas por falta de entendimento desconsideramos os mesmos de nosso vocabulário. Possenti ainda observa que, como futuros professores da

língua, devemos considerar mais o acertos do que os próprios erros, porque os chamados "erros" são sempre "*sistemáticos* ", causados por variações do uso da língua.

Pela ótica de Bagno, *quando se trata da língua só se pode qualificar de erro aquilo que comprometa a comunicação entre os interlocutores* .(BAGNO, 2001:26). O autor argumenta que por mais estranho que a pessoa possa vir a falar, se houver a intersubjetividade entre os falantes, nada afetará a língua, e esse fenômeno pode ser perfeitamente explicado por suas próprias regras gramaticais, *(...). Na língua, nada é por acaso: tudo tem uma explicação. Ninguém fala "errado" porque é burro ou preguiçoso: as pessoas falam diferente porque empregam regras gramaticais diferentes.* (BAGNO,2001:26).

Sobre os benefícios que a língua padrão oferece a estudante acredita que a mesma, *tal como a linguagem culta, aproxima- nos de um mundo mais amplo e complexo da Língua Portuguesa.*

O terceiro estudante refere- se à língua padrão como uma linguagem muito objetiva. Para ele o motivo que o leva a acreditar nisso, é devido ao fato da mesma ser formal, científica e principalmente, voltada para a escrita.

No que se refere à língua coloquial, ele considera uma linguagem muito popular e comum no nosso dia- a- dia, e, por isso, é expressada mais oralmente.

Ele considera-se um falante da língua coloquial por viver a maior parte da sua vida na zona rural e de ter pouco acesso à leitura. Segundo o estudante *não existem pessoas que falam errado, mas sim que falam conforme o lugar ou ambiente que vivem.*

Na concepção do entrevistado os benefícios que a linguagem padrão oferecem para falante encontram-se principalmente no mercado de trabalho, pois acredita que dominando a língua, estará mais capacitado.

A quarta e última aluna, relata também sobre os dois gêneros da língua, explicando que a língua padrão é corretamente falada por seus usuários. Para ela na maioria das vezes são pessoas mais instruídas que fazem uso dessa linguagem. A língua coloquial é despreocupada, uma linguagem usada no cotidiano, a qual

demonstra proximidade, fazendo com que a comunicação seja mais fácil e de melhor entendimento para um certo grupo de pessoas.

A estudante considera-se uma falante da língua coloquial, pois em seu cotidiano faz uso de muitas gírias e não se preocupa em falar corretamente. A mesma acredita que algumas pessoas falam *errado* talvez pelo fato de não ter conhecimento da língua, ou por descuido, pois não se preocupam. A discente também explica sobre o fator externo da língua, para ela deve-se levar em conta os falares de cada região.

Na concepção da acadêmica os falantes da língua padrão se adaptam com mais facilidade a certos ambientes e possuem uma maior compreensão da linguagem. A universitária caracteriza os falantes desta língua como *pessoas cultas, inteligentes, e mais preparadas.* Percebemos nessa afirmação que a acadêmica tem um certo preconceito lingüístico ao supervalorizar a norma padrão.

Conforme percebemos tanto a segunda quanto a quarta aluna concordam com a GT, quando relatam que as pessoas cultas são "inteligentes", esse conceito reflete os valores que a sociedade inculca.

As instituições escolares reforçam esse conceito ao mostrar para seus educandos, que as pessoas cultas na língua padrão, são mais inteligentes e se sobressaem com mais facilidade em tudo que desejam.

> -Claro ! Por exemplo, se você não souber falar e escrever direito, corretamente, você não arranja um bom emprego, não consegue passar num bom concurso, nem uma boa colocação...
> -Poxa ! Agora estou entendendo melhor: pra arranjar um bom emprego a língua que a gente usa não serve...
> -Serve sim, mas só pra coisinhas, conversinhas banais. Mas pra subir na vida, ganhar bem, não! (ALMEIDA in GERALDI 2000:11)

Notamos nesta citação, fortemente marcada pela realidade escolar, a abordagem que o professor faz ao expor a língua como um veículo de ascensão social, deixando para traz seu real valor, ou seja, aquisição do conhecimento e um meio de expressão comum aos falantes cultos.

Perguntamos à primeira acadêmica do oitavo semestre qual a sua concepção de língua padrão e coloquial após os estudos das teorias lingüísticas e gramaticais?

> (...) *a língua padrão difere da coloquial, no sentido de ser constituída por regras, ou seja, implica em um sistema rigoroso a ser seguido. A linguagem padrão não é uma simples representação gráfica da oralidade, ela pode ser definida também como norma culta que é, ou pelo menos deveria ser transmitida aos alunos, nas escolas, pelos educadores.*(Acadêmica)

Na concepção da referida acadêmica, a língua coloquial pode ser definida como a linguagem espontânea, mais solta, que preenche a necessidade do falante de comunicar-se com os demais usuários da língua de forma compreensível. Da mesma forma, pode-se dizer que é a linguagem adquirida no seio familiar, juntamente a construção de sua história de vida, isto é, a fórmula que estamos habituados a ouvir em nosso cotidiano.

Merleau-Ponty, in GERALDI (org.) faz uma abordagem em especial à língua relacionando-a com as necessidades do corpo humano. Nas palavras de Merleau:

> Há *uma compreensão erótica que não é de ordem do entendimento, já que o entendimento compreende percebendo uma experiência sob uma idéia, enquanto o desejo compreende cegamente, ligando o corpo a uma corpo. Ou: "A sexualidade não é um ciclo autônomo, está ligado a todo um ser cognoscente e agente". Ou: " Vida corporal e vida psíquica estão numa relação de expressão recíproca"* (ALMEIDA,2000:23).

De acordo com a concepção de Merleau-Pointy a linguagem está para o ser humano assim como a sexualidade está para o corpo. Isso posto significa dizer que a linguagem preenche a necessidade do sujeito em relacionar-se. Assim, não existe linguagem sem sujeito como corpo sem sexualidade, são relações mútuas que se efetuam a partir do momento que o corpo passa a existir.

Perguntamos se a mesma considera-se uma falante da língua coloquial ou padrão? Na opinião da acadêmica como falante da língua portuguesa e aluna do VIII semestre do curso de Letras, relata que está ciente das diferenças entre ambas as línguas, o que permite-lhe apropriar-se das duas, conforme o lugar discursivo em que estiver inserida.

Como futura professora pedimos que a universitária relatasse como exercerá sua atividade docente para ensinar os falantes a utilizar a língua padrão. Em análise sobre o assunto, a acadêmica respondeu que como professora de Língua Portuguesa

torna-se capacitada para conscientizar seus alunos do domínio da língua padrão, bem como de suas regras.

Ela acrescentou que caso seus alunos queiram participar da comunidade científica certamente terão o domínio da norma padrão. Para a aluna, não existe meio mais eficaz de ensinar a não ser por meio da conscientização. A mesma crê que os professores de língua devem proporcionar momentos para que seus alunos façam uma séria reflexão sobre sua própria língua.

Sírio Possenti (1999), trata também sobre esse assunto nos mostrando o quanto torna-se fundamental o professor criar condições práticas para um bom empenho no seu trabalho escolar.

Para ele o resultado de uma boa coleta empírica por parte dos alunos em relação à língua padrão, soma, principalmente na observação do professor para com seus alunos, pois desvenda suas necessidades e dificuldades dentro da sala. Segundo o mesmo o segredo não está *em ensinar o que os alunos já sabem, mas o que ainda desconhecem*. Isto porque as crianças trazem de casa muito mais do que imaginamos e cabe ao professor esta descoberta. De acordo com o referido autor, torna-se um equívoco a concepção do professor em pensar que o aluno não sabe nada.

> *O que já é sabido não precisa ser ensinado, de forma que os programas anuais poderiam basear-se mais num levantamento do que falta ser atingido do que num programa hipoteticamente global que vai do simples ao mais complexo, preso a uma tradição que não se justifica.* (POSSENTI,1999:37).

Sírio diz que tornaria satisfatórios aos educadores se a língua padrão fosse trabalhada de forma dinamizada, para o autor, seria preciso atentar- nos para textos, como jornais, revistas, que abordam assuntos atuais, e não inculcar em nossos alunos o peso da literatura antiga, que para ele, dependendo da forma como é trabalhada, hierarquiza os educandos para valores dominantes. O essencial é trabalhar assuntos interessantes principalmente escolhidos por eles.

Possenti acredita que desta forma abriria caminhos para a reflexão e criatividade dos mesmos, o que aumentaria o empenho deles para com a língua escrita.

A segunda aluna argumentou que ao chegar ao final do curso de Letras percebe agora mais do que antes, como é necessário saber fazer bom uso da língua padrão. Ela argumenta que *esta língua torna-se um veículo importante na sociedade em que vivemos e que leva as pessoas a melhores níveis, tanto cultural como social.*

Numa dimensão não menos importante, no sentido cultural, em análise sobre a fala coloquial, a estudante explica que, *a estrutura deste gênero possui uma carga de expressões sentimentais, de marcas, de valores étnicos, considerando-a como uma língua rica e particular que precisa ser respeitada pelos supostos detentores do saber, embora saibamos que desde a sua origem até os nossos dias, ela continua nas camadas que detém o poder.*

A universitária declara ser uma falante da língua padrão, embora em curtos contextos faça o uso da linguagem coloquial. Isso para não constranger o interlocutor.

Na sua opinião para ensinar a língua padrão, o falante deverá neste processo ser investigado da forma mais natural possível, sem ficar preso unicamente à *velha e boa gramática.* A discente ainda esclarece que, como futura professora de língua, inserirá tanto a língua padrão quanto a coloquial em seu ensino.

Para ela, a escola não deve excluir nenhuma das duas, pois o aluno de nossa realidade social *é detentor do coloquialismo, e como mediadora do conhecimento, acredita que não deve podar seus alunos na fala.*

Acreditamos que enquanto falantes deveremos usar a linguagem de acordo com o meio em que estamos inseridos, isso porque como dissemos a língua não é estável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visão da Gramática Tradicional é linear, unidimensional, deixando fora de sua investigação um universo de coisas interessantes, além de isolar a língua. O que a Lingüística cobra da Gramática é um alcance maior para as regras que ela tenta descrever.

Conforme dissemos na apresentação deste, o foco de nossa pesquisa é constatar se os acadêmicos dos curso de Letras saem da Universidade com o domínio da língua padrão.

Procedemos nossa análise à luz da teoria de estudiosos da língua e constatamos que os acadêmicos sabem distinguir a diferença entre língua padrão e coloquial, bem como conhecer algumas regras da língua padrão e sabem transitar entre ambas, apesar de alguns entrevistados supervalorizarem a língua padrão. Um fato que vale a pena ressaltar é que nenhum deles afirma dominar por completo a língua padrão.

Deste modo, podemos concordar com as teorias e também com os professores expostos que contribuíram com a nossa pesquisa, quando relatam que o domínio da língua não reflete por completo em nenhum falante culto como as Gramáticas Normativas declaram. Porém não podemos excluí-la totalmente de nossos currículos de maneira a não prejudicar nossos alunos.

Esta questão sempre acaba por causar um choque entre as teorias Gramaticais e Lingüísticas em relação ao ensino da língua, pois a G.T. cobra-nos o conhecimento de uma nomenclatura falha e incoerente, bem como definições contraditórias e incompletas, quando deveria lutar pela evolução do conhecimento sobre o aspecto da linguagem. Reconhecemos não só a escrita, mas também que a linguagem é um vasto campo de interesse científico, e que todo o falante tem direito de expressar-se através da língua materna, seja oralmente ou por escrito.

Acreditamos que enquanto não houver o devido respeito que nossa língua merece, esse dilema estará sempre em discussão. Nossa sugestão para amenizar esse impasse é que o professor deverá estudar e analisar as duas vertentes, deixando de ostentar o ensino da Gramática Tradicional como uma "doutrina" a ser seguida

criteriosamente, pautando-se nos estudos recentes e apresentando para nossos alunos outros conceitos gramaticais de nosso tempo, deste modo abriremos caminhos para a Lingüística Moderna, um lugar de surpresas que nos apresenta: o novo.

BIBLIOGRAFIA

BAGNO, Marcos: A Língua de Eulália. Novela Sociolingüística. São Paulo, Contexto. 1997.

_____Preconceito Lingüístico: O que é e como se faz. São Paulo, Loyola, 1999.

_____Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa. São Paulo, Parábola. 2001.

CARVALHO, de Castelar. Para Compreender Saussure 6 ed. Rio de Janeiro: Ed. Presença 1991.

GERALDI, João Wanderly.(org.) O Texto na Sala de Aula. São Paulo-SP.3ed Editora ática

HOUAISS, Antonio (1995-1999) e VILLAR, Mauro de Salles (1939) mini-dicionário Houaiss da Língua Portuguesa/ Antonio Houaiss e Mauro de Salles-Rio de Janeiro: Objetiva,2001.

POSSENTI, Sírio. Por Que (Não) Ensinar Gramática Na Escola/ Campinas, SP: Mercado de Letras : Associação de Leitura do Brasil, 1999. (Coleção Leituras no Brasil.)

ROCHA, Ruth. 1931-minidicionário/ Ruth Rocha; ilustração Maria Luiza Ferguson.- São Paulo: Scipione,1996.

ANEXOS

ALUNO DO 1° SEMESTRE

1-Qual sua concepção sobre língua:

a- Padrão:

A língua padrão é uma linguagem muito objetiva, por ser formal e científica e principalmente por ser voltada mais para a escrita.

b- Coloquial:

A língua coloquial é considerada uma linguagem muito popular, muito comum no nosso dia-a-dia, e por isso é expressada mais oralmente.

2-Você se considera um falante da língua coloquial ou padrão? Por que isso acontece?

Eu me considero um falante da língua coloquial. Por viver a maior parte da minha vida na zona rural e de ter pouco acesso a leitura.

3-Você acredita que existem pessoas que falam errado? Por que isso acontece?

Não. Tem pessoas que falam conforme o lugar ou ambiente em que vivem.

4-Quais os benefícios que a língua padrão oferece aos falantes que a usam?

Um dos benefícios está principalmente no mercado de trabalho. Um falante da linguagem padrão terá mais capacidade para conseguir um bom trabalho.

5- Espaço aberto para considerações sobre o tema em questão.

ALUNO DO 1° SEMESTRE

1-Qual sua concepção sobre língua:

a- Padrão:

A língua padrão e uma língua falada corretamente, onde o falante desta língua tem a preocupação de falar corretamente, na maioria das vezes são pessoas melhores instruídas que fazem uso dessa linguagem.

b- Coloquial:

A língua coloquial e uma língua despreocupada, uma linguagem usada no dia-a-dia.

2-Você se considera um falante da língua coloquial ou padrão? Por que isso acontece?

Resposta: Eu me considero um falante da língua coloquial pois no dia-a-dia, uso muitas gírias e não me preocupo em falar corretamente.

3-Você acredita que existem pessoas que falam errado? Por que isso acontece?

Sim eu acredito que algumas falam errado, talvez por não terem conhecimento da língua, ou por descuido por não se preocuparem em falar corretamente, mas deve–se levar em conta a questão de cada região.

4-Quais os benefícios que a língua padrão oferece aos falantes que a usam?

Os falantes da língua padrão conseguem se adequar a certos ambientes e entender uma mensagem nessa linguagem, a pessoa se difere da outras torna–se culta, inteligente e mais preparada.

5- Espaço aberto para considerações sobre o tema em questão.

A linguagem coloquial demonstra proximidade, faz com que a comunicação seja mais fácil e de melhor entendimento para pessoas de um certo grupo de pessoas

ALUNO DO 1° SEMESTRE

1-Qual sua concepção sobre língua:

a- Padrão:

Língua padrão é a língua falada corretamente pelas pessoas que possuem um nível de instrução melhor.

b- Coloquial:

Língua coloquial é a língua falada no dia-a-dia, comum.

2-Você se considera um falante da língua coloquial ou padrão? Por que isso acontece?

Eu me considero um falante da língua coloquial porque não utilizo de todas as regras que existem na nossa Língua Portuguesa.

3-Você acredita que existem pessoas que falam errado? Por que isso acontece?

Não existem pessoas que falam errado porque cada um de nós falamos conforme a nossa região e ambiente.

4-Quais os benefícios que a língua padrão oferece aos falantes que a usam?

Os falantes que utilizam da língua padrão tem a chance de conseguir um bom emprego, pois hoje o mercado de trabalho se encontra muito disputado.

5- Espaço aberto para considerações sobre o tema em questão.

ALUNO DO 1° SEMESTRE

1-Qual sua concepção sobre língua:

a- Padrão:

A língua padrão e a forma Lingüística mais próxima a norma culta da linguagem porém passível de variações.

b- Coloquial:

A linguagem coloquial são tipos, ou seja, gêneros Lingüísticos de um determinado grupo social de um modo geral cotidiano.

2-Você se considera um falante da língua coloquial ou padrão? Por que isso acontece?

Devido a posição de bom leitor eu ouso dizer trânsito entre os dois gêneros mas que me resumo no gênero coloquial.

3-Você acredita que existem pessoas que falam errado? Por que isso acontece?

Sim. Tanto eu mesmo quanto pessoas no meio em que vivo falam errado. Isso se dá devido a complexidade da Língua Portuguesa e a falta do hábito de leitura.

4-Quais os benefícios que a língua padrão oferece aos falantes que a usam?

A língua padrão tal qual a linguagem culta nos aproxima de um mundo mais amplo e complexo da Língua Portuguesa e em meio a sociedade, isso confunde-se com intelectualidade.

5- Espaço aberto para considerações sobre o tema em questão.

ALUNO DO 8° SEMESTRE.

1-Após o estudo das teorias Lingüísticas e Gramaticais, qual a sua concepção sobre língua padrão e coloquial?
A língua coloquial pode ser definida como a linguagem espontânea, mais solta, que preenche a necessidade do falante de comunicar-se com os demais usuários da língua de forma compreensível .Da mesma forma pode se dizer que é a linguagem adquirida no seio familiar, juntamente à construção de sua história de vida, isto é, a fórmula que estamos habituados a ouvir em nosso cotidiano.
Já a língua padrão difere da coloquial no sentido ser constituída por regras, ou seja, implica em um sistema rigoroso a ser seguido. A linguagem padrão não é uma simples representação gráfica da oralidade, ela pode ser definida também como norma culta que é, ou pelo menos deveria ser transmitida aos alunos nas escolas pelos educadores.

2-Você se considera um falante da língua coloquial ou padrão?
O homem é um ser social, e sente a necessidade de comunicar-se, interagir com os demais.

Segundo os estudiosos neste assunto para que aconteça a interação, isto é, é necessário um código comum a todos e esse código pode ser definido como língua. É necessário que compreendemos que dentro de um mesmo código existem variedades é o que definirá que tipo será usado pelo falante é o lugar do sujeito no momento do discurso.
A partir das palavras de Possenti (2000:92-3),

" Aprender uma língua é aprender a dizer a mesma coisa de muitas formas (...). Isto é, a língua nos dá sempre várias alternativas (...) inclusive saber as pequenas diferenças de sentido e de condições de uso que essas várias maneiras implicam e supõem."

Concluo que como falante da Língua Portuguesa e aluna do 8° semestre do curso de Letras estou ciente das diferenças entre língua padrão e coloquial, o que me permite apropriar-me de ambas conforme o lugar discursivo em que estiver inserida.

3- Na sua opinião como fazer para ensinar o falante a usar a língua padrão?
Ao ensinar a língua padrão deve haver um certo equilíbrio e capacidade profissional da parte do professor para mostrar aos seus alunos o fato de que existem falas diferentes e não erradas, e dentre essa diversidade lingüística esta inserida a língua padrão.

Desta forma cabe a nós professores de Língua Portuguesa conscientizar nossos alunos da necessidade de domínio da língua padrão bem como suas regras, caso ele queira participar da comunidade científica.

Não há meio mais eficaz de ensinar se não por meio da conscientização.

Professores de línguas devem levar seus alunos à uma reflexão séria sobre sua própria língua.

ALUNO DO 8° SEMESTRE.

1-Após o estudo das teorias Lingüísticas e Gramaticais, qual a sua concepção sobre língua padrão e coloquial?
Posso dizer que ao chegar ao final do Curso de Letras percebo agora mais do que antes como é necessário para o cidadão, saber fazer bom uso da língua padrão, pois essa na sociedade em que vivemos é veículo que leva as pessoas a melhores níveis, tanto cultural como social.

Não menos importante, culturalmente falando, temos a língua coloquial, carregada de sentimentos, de marcas, de valores de vários povos, uma língua rica e particular que precisa ser respeitada pelos supostos detentores do saber, embora saibamos desde sua origem até nossos dias ela continua nas camadas que detém o poder.

2-Você se considera um falante da língua coloquial ou padrão?
Sim, me considero uma falante da língua padrão, embora em certos contextos faça uso da coloquial, até porquê considero que não devemos usar a primeira de modo a constranger o nosso interlocutor.

3- Na sua opinião como fazer para ensinar o falante a usar a língua padrão?
Levando-o a pesquisas que mostrem a necessidade da língua como tal, através de muitas leituras e exercitando com produção de textos, encenações, dentre outros, o falante deverá neste processo ser investigado da forma mais natural possível, sem ficar preso unicamente a "velha e boa" Gramática.

Digo com ousadia que como futura professora de língua "padrão e coloquial", coloco as duas pois na escola não excluir esta ou aquela, o aluno de nossa realidade social é detento do coloquialismo, e eu como professora não o podarei, mas sim mostrarei outros caminhos envolvendo vários processo como já disse, sendo para eles uma mediadora.

Enfim, o que penso e que está mais do que na hora de mudar o nosso ensino de línguas. Espero continuar com essa vontade e coloca-la em prática e ainda ser forte bastante para não ser vencida pelas imposições do sistema.

Enquête para subsidiar a pesquisa sobre a língua padrão e coloquial.

Aos professores

1-Qual a sua opinião sobre a língua?

Língua é um conjunto de expressões ou palavras usado por um povo ou comunidade. Portanto saber a gramática normativa não é saber língua, mas sim algumas regras da Língua Portuguesa.

2- Faça suas considerações sobre língua padrão e coloquial.

A língua padrão ensinada na escola e nas universidades, não é a língua do povo brasileiro, mas sim uma língua copiada da Europa com regras e normas que não estão em consonância com nossa realidade.

3-Você acredita que os acadêmicos saem da universidade com o domínio da língua padrão?

Não. É impossível alguém aprender uma norma ou língua em 4 anos. No mínimo o que vão conseguir são algumas regras gramaticais da língua escrita. Porem falar a língua padrão e outro caso.

4- Você considera que há um embate entre teorias lingüísticas e gramaticais no Campus de Pontes e Lacerda? Em caso positivo a que atribui o fato?

Sim, esse fato ocorre tanto no Brasil quanto em Portugal. Não e algo relacionado só a Pontes e Lacerda.

Do meu ponto de vista, isto, ocorre porque os gramáticos não querem reconhecer a evolução da língua. Para resolver seria necessário criar a norma-culta brasileira e esquecer anterior G.T.

5- Espaço aberto para considerações que você julgar necessárias.

Gostaria que ficasse claro que não sou contra o ensino de gramática, mas sou contra a forma como são ou é ensinada.

Enquête para subsidiar a pesquisa sobre a língua padrão e coloquial.

Aos professores.

1-Qual a sua opinião sobre a língua?

A concepção que explorei aqui é a proposta por Saussure na GLG, uma vez, que foi através deste que a Lingüística se estabeleceu como ciência. Desse modo, língua é concebida como sistema de signos que estabelecem entre si relações fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas. Essa noção é apenas uma dentre outras, pois a língua pode ser entendida a partir da relação que estabelece com a sociedade.

2- Faça suas considerações sobre língua padrão e coloquial.

Em relação a essa questão é necessário recorrer à Sociolingüística, que expõe um quadro de considerações sobre língua padrão e coloquial. Não primeiro caso, aparece a legitimação de uma dada variedade lingüística por fatores histórico-sociais. A língua coloquial, por seu termo, representa a utilização de uma variedade lingüística em um contexto informal. Há inúmeros aspectos a serem considerados, mas o tempo é exíguo.

3-Você acredita que os acadêmicos saem da universidade com o domínio da língua padrão?

O domínio da língua padrão é um processo, como ocorre em relação a toda e qualquer forma de conhecimento. Jamais alguém "dominará" a língua por completo. Portanto, o acadêmico de Letras não sairá do curso com esse "domínio".

4- Você considera que há um embate entre teorias lingüísticas e gramaticais no Campus de Pontes e Lacerda? Em caso positivo a que atribui o fato?

No Campus de Pontes e Lacerda, não. Não vejo embate entre teorias lingüísticas e gramaticais, pois os docentes dessa área discutem continuamente o papel da Lingüística e da gramática.